



## O SACRIFÍCIO SE EXPLICA? COMUNHÃO ENTRE GOVERNO E IGREJA PARA PREGAÇÃO E REALIZAÇÃO DOS SACRIFÍCIOS EM “EL MATADERO” DE ESTEBAN ECHEVERRÍA

SANTANA, Franksnilson Ramos<sup>1</sup>

### RESUMO

Objetivamos no presente artigo interpretar a comunhão entre os discursos políticos religiosos ao passo que desencadeiam as cerimônias sacrificiais narradas no conto “El matadero”, do portenho Esteban Echeverría. Na primeira seção do trabalho discutimos algumas teorias do discurso. Partimos do pressuposto que o discurso defendido pelo sujeito sempre será crido como soberano e digno de culto. A circunstância para o acontecimento do sacrifício (martírio ou a imolação de um outro) detectamos no poder dominante do discurso: o discurso que o sujeito defende é digno de aceitação de toda comunidade. No segundo capítulo, nos remetemos à finalidade do sacrifício: o opositor dos discursos compreendidos como soberanos deve ser extirpado da comunidade. Na terceira seção, nos comprometemos em analisar como as circunstâncias e as finalidades do rito sacrificial são ilustradas na ficção “El matadero”.

**Palavras-chave:** Sacrifício, soberania, sujeição, remissão.

### INTRODUÇÃO

O conto “El matadero”, do portenho Esteban Echeverría, é um texto literário que nos proporciona uma hermenêutica especial do tema do sacrifício. A formação da cultura latino-americana, pós-emancipação, antes de tudo, é caracterizada por momentos tensos, trágicos, em que a violência e o derramamento de sangue se banalizava, sobretudo em nações, províncias e cidades senhores por um ditador. Esse é o contexto político que serve como pano de fundo do primeiro relato argentino escrito.

Nessa narrativa curta e realista, narrador e personagens são defensores de discursos cridos como soberanos. Os personagens serão os chamados “federais”, Rosas, seu governo e súditos, ou os “unitários”, opositores do ditador. Aquele que se opor ao discurso entendido como dominante, é assimilado como objeto, animal e demônio, digno da extirpação da comunidade. A narrativa surge, portanto, para denunciar a calamidade presente no país sul-americano, na tentativa das políticas dominantes federais de alcançarem tal identidade nacional. Paralelamente, o unitarismo, composto por argentinos que não se deixavam subjugar pelo ditador, tinha a política e artes francesas, filosofia alemã, além do cristianismo espanhol, como características que necessariamente a Argentina deveria ter para um progresso civilizatório.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (UEPB).



O clímax do conto se apresenta na tensão travada entre esses dois grupos, quando cada qual crê que o sacrifício do outro redimiria a nação do caos. A partir desse contexto, buscamos mediante esse trabalho entender como comungam os discursos políticos religiosos ao passo que desencadeiam essas cerimônias sacrificiais. Com o trabalho, pretendemos contribuir no preenchimento da lacuna de estudos sobre “El matadero” desde o viés também do Sagrado, diante da supremacia de estudos que focam os aspectos políticos e históricos do conto, o que concede um caráter original à nossa investigação.

O corpus literário, “El matadero”, é rico, não por ser o pioneiro relato do romantismo argentino, mas por conter discursos de outra ordem que não a literária, a saber, a política, religiosa, filosófica, sociológica, antropológica, etc. Considerando a literatura um discurso constituinte, (MAINGUENEAU, 2016), percebemos através do conto “El matadero”, o discurso político se legitimando através de outro discurso constituinte, o religioso – provando o que teoriza, novamente, Maingueneau (2015, p. 147), em outro trabalho –, quer dizer, buscando por intermédio do discurso religioso a submissão de toda uma nação como se fosse uma sujeição ao plano divino. O sacrifício é a dignificação de um discurso tido como soberano em seu nível máximo. Para compreensão dos movimentos dos sujeitos como dignificação de uma ideologia dominante, nos apoiaremos em Bakhtin (2006); para enxergarmos o discurso como poder, consideraremos as palavras de de van Dijk (2015); no intuito de chegarmos a entender o sacrifício como culto a um discurso político e religioso assimilado como soberano, teremos o suporte de Althusser (1970) e René Girard (1990). Essas são as obras norteadoras, sem nos esquecermos ainda dos trabalhos hispânicos, acerca da literatura hispano-americana e o sacrifício: Bauzá (1999), Ludmer (2002), Iglesia (2010), Monti (2013), Oviedo (2002), Balé (2012), Lojo (1991), Sosnowski (2008).

## 1. A SOBERANIA DO DISCURSO

O francês Girard (1990), em seu livro *A violência e o sagrado*, ressalta que o pensamento moderno enfatiza “de modo demasiado exclusivo os aspectos literalmente maníacos da prática sacrificial” (p. 27). Por outro lado, vale destacar que o sacrifício ocorre como martírio, pelo qual o sujeito atenta sobre sua própria vida (ou sobre seus componentes), ou mediante a oferenda de um segundo sujeito. A partir do momento que tratamos o rito sacrificial como tão-somente ato maníaco, tiramos dele a racionalidade, e declaramos que o sujeito mártir e o sacrificante atuam através de um dispositivo inato, por intermédio unicamente de uma essência a qual não podemos sondar. Certo é



que morrer ou matar por uma religião, por exemplo, são eventualidades misteriosas, porque envolvem um plano espiritual, sobre-humano. Acontece, todavia, que uma ordem divina não é obedecida porque simplesmente é uma ordem. Antes disso, um conjunto de discursos imperativos são assimilados pelo sujeito dessa ordem, são tidos como coerentes, dignos de culto. Portanto, a soberania do discurso transforma uma religião em ordem espiritual, assim como a soberania do discurso torna um governo, ou certa política, ordem humana. De forma esmiuçada, o sujeito derrama o sangue daquele que se lhe opõe, se voltamos ao contexto religioso, porque a divindade, ou a religião, prolifera um discurso que faz de seu opositor objeto sacrificável, e este discurso é dominante.

Esse parágrafo introdutório nos incita a uma melhor compreensão das teorias do discurso, dado que não temos por objetivo, neste trabalho, explicar o elemento sacrificial no conto “El matadero”, de Esteban Echeverría, sob perspectivas que impossibilitem o protagonismo discursivo. Isso quer dizer que todas as palavras usadas pelo narrador e personagens montam determinados discursos. Então, em se tratando de texto literário, podemos tratar do discurso: dos agentes da ficção, acima mencionados; dos discursos de outros planos que não o literário – religioso, político, filosófico, antropológico, entre outros; e o discurso literário, segundo Maingueneau (2016), que é um discurso constituinte, conforme o mesmo autor (2015).

No primeiro caso, colocamos o narrador e personagens como sujeitos fictícios. Eles atuam como qualquer outro sujeito, ainda que em espaços e situações verossímeis; são, por isso, sujeitos ideológicos, se nos apoiamos na teoria althusseriana, já que *“a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia, na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) «constituir» os indivíduos concretos em sujeitos.”* (ALTHUSSER, 1970, p. 94) (grifos do autor).

Cada sujeito, portanto, é interpelado por uma ideologia dominante, ou melhor, por discursos ideológicos soberanos. Sobre tal questão, Bakhtin declara: *“as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”* (BAKHTIN, 1992, p. 40). O rito do sacrifício começa a ser compreendido a partir do momento em que entendemos que cada sujeito vive para enaltecimento dos discursos ideológicos formulados em sua consciência.

Na literatura, o discurso é fraccionado em categorias: o discurso religioso, o político, filosófico... (Cf. MAINGUENEAU, 2015, p. 139-148). Trata-se da presença de discursos de outra ordem que não a literária no texto literário, o qual acaba por expor seu funcionamento interdiscursivo. Esse discurso literário é constituinte, conforme Maingueneau (2016). Os discursos



constituintes se propõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que se auto-legitima; são textos que não possuem autores, senão ministros de uma instância sem rosto<sup>2</sup>, ou, em nossas palavras, autores simulados. Os discursos constituintes, por essa razão, promoverão um contato muito mais facilitado com textos, também constituintes, de outra natureza: os contatos entre literatura e ciência, religião, filosofia, serão corriqueiramente vistos, compreendidos<sup>3</sup> e analisados, porquanto são textos sem “dono”. O discurso político, apesar de ser um *discurso de ordem*, ao lado do religioso, não pode ser considerado um discurso constituinte, pois, como ressalta o próprio Maingueneau (2015), *ele* “não pode legitimar-se a si mesmo: ele deve se apoiar nos discursos constituintes para fundamentar sua autoridade.” (p. 147).

A soberania do discurso, por fim, nos fará com que entendamos as circunstâncias do rito sacrificial: em primeira instância, quais são os motivos que conduzem o sujeito ao martírio, ou a derramar o sangue de um outro sujeito. Os discursos ideológicos que o sujeito tem por soberanos, exigem uma defesa que vá além de palavras, de segundos discursos dignificadores dos anteriores.

Tanto pela defesa dos discursos políticos quanto pela dos religiosos, o sujeito não se mostra submisso à posição soberana dessas ordens, terrena e espiritual, mas sim aos discursos que as duas proferem, o que prova o fato de indivíduos se sacrificarem ou assassinares por uma política que sequer se instaurou onde eles vivem, ou por uma seita religiosa de pouquíssimos membros.

Althusser (1970), em *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, associa o poder ao Estado, cujos aparelhos funcionam para que este poder seja mantido. A manutenção deste poder significa a manutenção da ideologia (e da classe) dominante. No que se refere ao poder político ditatorial, o governo atua como aparelho repressivo do Estado. Mas as suas teses são questionáveis. Não somente a ordem governamental vigente é repressiva, senão qualquer discurso de teor político que reduz o sujeito não-submisso ao não-humano.

O discurso religioso, por sua vez, é constituinte. Isso quer dizer que os textos religiosos são diversos e abertos a várias interpretações, métodos de análise, e discursam sobre uma infinidade de temas. Para toda religião, há uma entidade espiritual ou divindade a quem o sujeito deve se submeter. Reiterando, o catolicismo, por exemplo, não espera submissão dos sujeitos porque está na dominância, é religião oficial de determinada nação, ou a religião da maioria. A religião apresenta aos sujeitos os discursos a serem defendidos; declara a impiedade dos que não se deixam subjugar, declarando-os inaptos de conciliação com a divindade. A ordem divina tem o seu próprio espaço discursivo, ideológico, seu próprio senhorio.

<sup>2</sup> (*ibid.*, 2016, p. 68, 73).

<sup>3</sup> (*ibid.*, p. 60).



Em suma, o discurso literário, elaborado por Echeverría, narrará sobre o rito do sacrifício em “El matadero”, como ato consequente da defesa de um discurso soberano, religioso ou político, religioso apoiado no político e vice-versa. A partir do momento em que o indivíduo é interpelado pela ideologia dominante, numa linguagem althusseriana, suas palavras discursivas, conforme a necessidade, podem se trasmudar em atos que buscam dignificar os discursos fontes. O sacrifício se torna um rito racional, porque o sujeito entende o discurso que o põe como diferenciado, divinizado até, em detrimento dos que a ele se contrapõem, considerados objetos sacrificáveis, sujeitos animalizados e demonizados.

## 2. FINALIDADES DO RITO SACRIFICIAL

Se entendemos o sacrifício como um tipo de *delito*, segundo a perspectiva que Ludmer (2002) se apoiou para tratar sobre o termo, percebemos que as cerimônias sacrificiais sempre contribuíram na definição e fundação de culturas, para que estas pudessem se separar das não-culturas, ou para deixar evidente o que a cultura exclui ou deve excluir (p. 10). Girard (1990), em *A violência e o sagrado*, observa que o pensamento moderno não compreende nem explica realmente o rito sacrificial. De outra forma, o olhar moderno tende, a todo custo, a desassociar os elementos religiosos de toda realidade, tornando-os fúteis (p. 43). Nesse caso, um plano espiritual não teria valia alguma para dissertar sobre a matéria, o humano. É, no entanto, impossível desvincular o sacrifício de um traçado, pelo menos em sua última instância, espiritual.

No capítulo anterior, apresentamos as circunstâncias para que um martírio ou oferenda de um segundo ocorra. O sujeito, desde sempre interpelado por ideologias dominantes, age com o intuito de honrar os discursos imperativos oriundos dessas ideologias. Para que o sacrifício aconteça, o sujeito mártir ou sacrificante, está, por sua vez, em busca de enaltecimento de ordens, governanças, dominâncias. Essas ordens se fazem a partir do momento em que exploram o teor soberano do discurso.

É importante salientar que, se o sacrifício ocorre, é porque a violência já pairava na comunidade: fomes, pestes, enfermidades, desigualdades, desagregação social.... Por conseguinte, todos procuram uma solução, buscam um ser, animal ou humano, para descarregar sobre ele toda maldição, além de matá-lo, para que através de sua morte a paz venha a reinar entre eles, ainda que momentânea. O mártir morrerá, diferentemente, para servir-se de modelo de sujeito fiel, espiritual, não obstante com a mesma intenção de que pela sua morte o apaziguamento de sua comunidade se



estabeleça. Pensará o mártir ou o sacrificante que o ato de derramamento de sangue é justificável, porquanto trata-se de uma consequência do estatuto “sujeito”, palavra que já indica o estado de submissão do indivíduo. Tanto o mártir como o sacrificante se preocupam em honrar um discurso ideológico dominante que tampouco criaram.

Na posição de autoridades, a ordem terrena e divina enuncia seus discursos imperativos, que esperam obediência. A resistência significa inaptidão enquanto sujeito terreno, para autoridades humanas, e inaptidão enquanto sujeito espiritual, para autoridades sobre-humanas. No conto “El matadero”, somos imergidos em um contexto político ditatorial e no imaginário cristão, católico. A não-submissão de personagens à ditadura de Buenos Aires na década de 30 do séc. XIX, lhes concedia o título de infratores, animais, enquanto a não-sujeição à Igreja o título de hereges, demônios a serem conjurados e extirpados. Resulta na narrativa que a Igreja funciona como aparelho do governo ditatorial, e a obediência ao plano humano passa a ter valor espiritual, e vice-versa, assim como os casos de desobediência.

O sacrifício, nessa situação, ocorre para satisfação das duas ordens. Morrer ou matar para que discursos soberanos sejam cultuados garante ao sujeito, e à comunidade a que pertence, galardões tanto temporais quanto espirituais, em uma vida após a morte, conforme a hermenêutica católica. O ato sacrificial, portanto, não só decorre dadas as circunstâncias da soberania discursiva, inclusa nas autoridades políticas e sobre-humanas, mas tem função e finalidade na comunidade.

Para que o sacrifício ocorra, deve haver uma demarcação entre aquilo que é e não é elemento cultural da comunidade. A animalidade e sacralidade como atributos humanos têm, a princípio, uma conexão com o que é barbárie e civilização para as nações latino-americanas recém-emancipadas. Os movimentos bárbaros são confundidos com instintos animais, assim como os civilizados comportam um caráter divino. Porém, levado em conta o princípio de Girard (1990), a violência se origina do sagrado, e todo homem, bárbaro ou não, pode reproduzir tal violência. A violência do sacrifício é, então, paradoxal: aquele que mata pelo discurso ideológico tido como soberano, pode ser ao mesmo tempo bárbaro, selvagem, e um sujeito espiritual, divinizado; o mártir pode ser ao mesmo tempo uma oferenda impura ou pura, demonizada ou sacralizada.

A morte no sentido sacrificial disfarça a tragicidade e a violência que a caracteriza. Girard (1990), inclusive, declarou que a morte é o que de mais violento reservou o sagrado ao homem (p. 47). Não só a tragicidade e a violência, como também a injustiça do ato. Na verdade, o sacrifício passa a ser não mais trágico, nem violento, tampouco injusto, se ele é executado por um sujeito obediente ao império dos discursos que defende, e se sua intenção é de redimir a sua comunidade,



extirpar o mal presente nela, embora este mal se origine de um plano sobre-humano, sobre o qual ele não tem nenhum controle.

### 3. O SACRIFÍCIO NO CONTO “EL MATADERO”

Sendo um dos introdutores do romantismo na Argentina, Esteban Echeverría, natural de Buenos Aires, escreve uma narrativa ousada, com temas românticos, mas com estilo realista, assemelhando-a a um quadro de costumes, ou conto *costumbrista*: trata-se de “El matadero”. O argentino, antes de escrever a narrativa, já era um consagrado poeta. Teve, por isso, que abrir mão um pouco do lirismo poético de sua literatura para assumir a escrita de uma ficção que abusasse da verossimilhança, que tivesse valor sócio-político e refratasse, ficcionalmente, os movimentos dos sujeitos díspares de sua cidade.

A forma ou instrumento literário escolhido foi, então, a narrativa; o espaço designado, para que as fases do enredo se realizassem, foi a própria Buenos Aires, e “el matadero” (o matadouro) funciona como metonímia disfêmica da província principal da Argentina. Quando o narrador no conto se remete ao matadouro, lugar onde se abate animais, interprete-se como uma referência negativa à cidade ou, melhor ainda, ao sistema político portenho sangrento. Juan Manuel de Rosas era o ditador da capital; um caudilho que, no segundo mandato sobre a cidade, traiu, segundo o pensamento unitário-liberal, os ideais filosóficos da Revolução de Maio.

No conto, Rosas aparece como ditador de religião católica, através das figuras do “Restaurador” e “Juiz do matadouro”. Toda contradição que envolve os dois personagens representantes de Rosas é descrita de maneira irônica pelo narrador-testemunha, onisciente. Já através dessas duas identificações, é possível presenciar o elemento messiânico, e por isso sagrado, atributo que flutuará por todo o relato: o Cristo bíblico, restaurador das almas e juiz das nações pode ser associado a Rosas, o restaurador das leis e juiz de Buenos Aires. Tal poder ditatorial divinizado é sumamente incoerente, conforme avançamos na leitura dos relatos do narrador. Há, por isso, na história de Buenos Aires, no final da década de 30 do séc. XIX, um conflito entre dois grupos sociais e políticos: os federais (o governo de Rosas e os que se lhe subjogavam) e os unitários (os rebeldes), e os mesmos personagens adversários estarão presentes, ou serão referidos, no conto, com a mesma adjetivação. Ambos têm visões políticas e religiosas diferenciadas; ambos igualmente creem que há só um discurso político e religioso correto, o qual deve ser reverenciado por todos:

quem resiste é herege e deve ser sacrificado para que a comunidade apazigue suas relações fraternas.

### 3.1 Quaresma, Dilúvio e Sacrifício

A ficção inicia com o relato da quaresma. A trama se desenrola nesta época em que a religião católica ordena a abstinência da carne de animais de sangue quente por quarenta dias e noites<sup>4</sup>. A quaresma é também um tipo de sacrifício, pelo qual o sujeito se priva do consumo de carne bovina, ovina, caprina, aviária, suína, e as demais carnes de animais de sangue quente, durante quarenta dias, desde a quarta-feira de Cinzas até a Missa Vespertina (da quinta-feira Santa), período que antecede a Páscoa, como um ato de reflexão espiritual e desapego das concupiscências da carne. O narrador, dotado de ironia, demonstra não crer na função da quaresma, pois através dela o sujeito perde a sua liberdade: o império imaterial da Igreja se estende às consciências e estômagos, quando deveria pertencer ao indivíduo, *nada mais justo e racional que vê o mal*.

Em período quaresmal ainda, um dilúvio assola Buenos Aires. O Governo se aproveita da ocasião para julgar que o culpado daquela epifania divina é o sujeito unitário. A igreja é utilizada pelo governo para que o discurso que animaliza e demoniza o unitário seja proliferado, o que aumentaria o número de federais, o ódio destes pelos unitários, e justificaria um futuro sacrifício desses impuros. O dilúvio é narrado como evento escatológico: os unitários provocaram a ira de Deus, cometendo o pecado da não-abstinência, e agora o dia do juízo está por vir<sup>5</sup>.

Os federais começaram a tratar todo ato de insubmissão como crime, pois se não fosse visto como crime, por qual subterfúgio poria a vida dos unitários em risco, como a comunidade reagiria ao presenciar a imolação de um unitário? Perante Deus, perante as leis, os unitários eram ímpios e culpados por toda aquela manifestação do sagrado mediante a inundação. O tema quaresmal é esquecido quando interpelado pelo evento do dilúvio. É imprescindível que os federais (não esqueçamos, os que compõem o governo, a igreja e os que se deixavam subjugar por essas duas ordens) se unam para implorar a misericórdia de Deus e cacem os unitários pecaminosos para a imolação, para que um apaziguamento superabunde aquelas intempéries naturais.

As missas fogem do protocolo tradicional: “Las pobres mujeres salian sin aliento, adonadas del templo, echando, como era natural, la culpa de aquella calamidad á los unitarios.” (*ibid.*, p. 216). Mas durante o episódio da inundação, os unitários não aparecem em diálogos; estão ocultos, mas

<sup>4</sup> (Cf. ECHEVERRÍA, 1874, p. 209-211).

<sup>5</sup> (Cf. ECHEVERRÍA, 1874, p. 215).





presentes na cidade – “Los libertinos, los incrédulos, es decir, los unitarios, empezaron á amedrentarse al ver tanta cara compungida, oír tanta batahola de imprecaciones.”<sup>6</sup>. Tal episódio do dilúvio, de dimensão escatológica, é uma preparação para a segunda parte do conto. Em outras palavras, esse incidente caótico nos insere em um espaço pelo qual contemplamos discursos de ordem do governo e da igreja atuando e se cruzando, mais especificamente, presenciamos o poder discursivo, das palavras, dos dogmas, crenças, que habitam nas mentes dos federais e unitários. As circunstâncias do rito sacrificial nos são informadas, e assim conseguimos nos conectar com o primeiro capítulo deste trabalho, onde discorriamos sobre as concepções de discurso e interdiscurso, defendendo que o primeiro é uma enunciação em que a linguagem se compromete com determinado propósito ideológico. E a finalidade de um discurso banhado por uma ideologia que se creia como dominante é o comando das ações do sujeitoado a *ela*.

O dogma eclesiástico, em contrapartida, não é cumprido por todos, e a comunhão existente entre Governo de Rosas e Igreja significa uma relação desigual, onde paradoxalmente o governo terreno tem o poder, além do de se legitimar a partir da ordem divina, de se sobrepor ao poder do seu deus, como é o caso de contaminar os dogmas e bulas da Igreja. O Restaurador traz o cristianismo para dentro de sua política com o intuito de parecer aquele que, escolhido por Deus, tem incontestavelmente o comando de Buenos Aires, e quem não se submete à sua vontade age como que se rebelando contra a ordem divina, contra o próprio Deus, seu criador.

### **3.2 O sacrifício de animais (antropomorfizados) no matadouro**

A fome se torna algo ainda mais grave. Para apaziguar aquele cenário infernal, por fim, o sacrifício da quaresma é interrompido. Cinquenta novilhos gordos foram levados ao matadouro. Se apenas uma parte dos portenhos gozaria do consumo de carne há algum tempo vetado, o narrador aproveita o ensejo para escarnecer da decisão: “¡Cosa estraña que haya estómagos privilegiados y estómagos sujetos á leyes inviolables y que la Iglesia tenga la llave de los estómagos!”<sup>7</sup>. O privilégio de alguns, em detrimento dos outros estômagos, explica aquilo que já ressaltávamos: o governo divinizado estipula suas leis de acordo com sua própria vontade, nem que para isso deva adaptar mandamentos e leis já existentes ou criar novos(as); em outras palavras, aquele que sujeita, não precisa se sujeitar, quem cria as leis, é maior que elas, quem as criou, as destinou para outros, inferiores, os subordinados.

<sup>6</sup> (*ibid.*).

<sup>7</sup> (*ibid.*, p. 219).



A trama segue com esse dilema: quem for de acordo ao governo *rosista*, não tem nenhuma credencial de inimigo de Deus, ou não tem nenhum merecimento de ser chamado “pecador”. É, então, uma pretensão política bastante ironizada no conto pelo autor, o qual se põe, diferentemente, como um unitário, aquele unitário que denuncia o caráter, ao seu ver, paradoxal da fusão Igreja mais Governo.

No matadouro, os magarefes e açougueiros eram também federais, que juntamente com os espectadores, animadores, se divertiam com as cenas sangrentas testemunhadas ali. O último animal, dos cinquenta levados à imolação, exigiu muita persistência dos federais, pois conseguiu fugir do matadouro em direção a uma parte mais baixa da cidade, sendo perseguido por aquela multidão de federais.

No meio do caminho um jovem é degolado quando tentaram enlaçar o animal, e um inglês é pisoteado e quase morre. O gozo da perseguição seria sentido com a captura de um novilho macho. Neste momento, são exequíveis algumas analogias: o jovem decapitado é como o federal que metaforicamente perdeu sua cabeça, sua consciência; o inglês é como o unitário que sofre, é pisado, massacrado, mas consegue sobreviver, seu pensamento consegue escapar, podendo deixar, diferentemente do federal, seu legado à pátria; o touro é o unitário furioso, ou seja, uma *antropomorfização* do unitário, que acaba morrendo por enfrentar os federais quando por fim é alcançado. Já os quarenta e nove novilhos mortos, estendidos pelo chão do matadouro, representam os súditos, os subordinados, e partidários de Rosas. Esses se entregam sem resistência alguma, como os quarenta e nove novilhos, a toda espécie de mandamento do Governo.

### 3.3 O sacrifício do unitário

No final, a personagem representante principal dos unitários decide aparecer. O unitário visto estava com a barba feita em forma de “u”, letra inicial de “unitário”, “unitarismo”, em seu próprio corpo; não trazia insígnia alguma em seu fraque, símbolo da federação, nem o luto no sobretudo, em memória da falecida Encarnación Ezcurra, da qual Rosas, o Restaurador, ficou viúvo; montava no cavalo em sela, como os gringos (numa sela inglesa); no fim, um carniceiro acusou os unitários de serem pintores como o diabo. O unitário não se veste como os federais, não utiliza os animais como os federais, ou seja, levam um exterior aversivo aos federais, porque, antes disso, seu interior, a saber, sua mente, já está subjugada a outros discursos, cridos também como soberanos, ainda que não vigentes. Dessa vez, é o unitário animalizado, chamado de *cachorro*, e



demonizado, quando é adjetivado de *diabo*. Matasiete, o principal dos carneiros, cavalga ao seu encontro, quando seu cavalo consegue derrubar e deter aquele unitário, um jovem de vinte e cinco anos, que o narrador também não nomeia. A reação dos espectadores é a de verdadeiros adoradores da Federação.

A fome da quaresma, em outros termos, a forme por carne animal, se converte agora numa fome por carne humana: pretendem abusar da carne do unitário, como aproveitam da carne das reses, ao serem abatidas. Começaram a despir o jovem. Ele rangia os dentes e sua boca espumava, e se movia como uma serpente, o que nos permite a ver o unitário aqui, mais que encolerizado, endiabrado. No mesmo parágrafo, o narrador volta a associá-lo ao Cristo bíblico, ou a parodiar as narrativas que contam sobre o salvador católico: gotas de suor desciam no seu rosto como grandes pérolas e seus olhos lançavam fogo – nas Escrituras, pouco antes de sua morte, depois de orar ao Pai, Cristo sua, igualmente, grandes gotas, mas no seu caso são gotas de sangue<sup>8</sup>; e o olhar de fogo do unitário pode ser comparado ao do Cordeiro vitorioso no apocalipse<sup>9</sup>. No mesmo parágrafo o unitário remete ao diabo e ao cristo, ao profano e ao divino. Aproxima-se um sacrifício, aos olhos dos federais, de um impuro, delegado do demônio, ao passo que, aos olhos dos unitários, de um puro, divinizado, espelho de Cristo.

Amarraram as pernas do unitário aos quatro pés da mesa; soltaram as ataduras das mãos. Seu sacrifício, porém, não foi como o imaginado. O jovem misteriosamente explode, na posição de crucificado. Como Cristo, ele se entrega à morte aos poucos. Quando estão terminando de despi-lo, uma torrente de sangue jorra de sua boca e nariz. Fantásiosa qual um sonho, ou pesadelo, é a cena que se viu: um sangue que não suportou a prisão de um corpo, e espirrou por todos os lados da mesa sem que a matéria fosse golpeada ou penetrada por instrumento algum. O unitário rebentou de raiva, como ressaltou um dos federais<sup>10</sup>. Sua bravura culminou na morte, que seria justificável, e por isso, um sacrifício, porque o almejo era o de remissão da comunidade. A mesma vontade de remissão da comunidade teria o unitário ao morrer como mártir, e mostrar que os discursos, políticos e religiosos, defendidos por ele, esses sim eram discursos divinizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>8</sup> (Cf. LUCAS 22: 44).

<sup>9</sup> (Cf. APOCALIPSE 19).

<sup>10</sup> (ECHEVERRÍA, 1874, p. 240-241).



O sacrifício se explica? A pergunta presente no título deste trabalho poderia parecer retórica, se não fosse pelo fato de o pensamento moderno tentar desconsiderar a racionalidade do ato. Filosofias, psicologias, dentre outros saberes e ciências, evitam o intento de interpretação das relações de afetos e desafetos humanos com o apoio de perspectivas sobre-humanas. Quer dizer, o que se entende do plano espiritual não coopera para uma compreensão dos assuntos materiais.

Queremos inferir com a afirmação de que o sacrifício se explica, que *ele* é justificável. Os sujeitos aceitam a imolação, ou imolam a outros, porquanto estão subjugados a discursos ideológicos soberanos, de ordens terrenas ou espirituais, que exigem um culto generalizado. Sacrificar ou se sacrificar é o ato mais elevado de culto e obediência à dominância do discurso ideológico político e religioso, conforme foi ilustrado com a sucinta análise de “El matadero”, no terceiro capítulo deste artigo. No conto, os federais eram sujeitos aos discursos do Governo, e os unitários a discursos soberanos não vigentes, baseados no que alguns contextos político e religioso da Europa ofereciam.

O homem se mostra obediente a um conjunto de discursos ideológicos soberanos, que exigem um culto generalizado e um culto que ponha em risco a vida do sujeito ou a dos que resistem, e através do qual o homem pretende conter os conflitos recorrentes da comunidade, impedir que os personagens do plano espiritual se manifestem punitivos e avassaladores, apaziguar as relações subsequentes entre os sujeitos da comunidade a partir da exclusão do impuro, maculado (no caso de um sacrifício do semelhante), ou, no caso de um martírio, mostrar a todos os membros da comunidade que foi determinado discurso defendido que o fez morrer, e por isso ele morre como divinizado, seus discursos se divinizam, e a comunidade procurará também dignificá-los.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ARANCET RUDA, María A. **El Matadero de Esteban Echeverría, o la inauguración de los mataderos** [en línea]. Revista del Instituto de Investigación Musicológica “Carlos Vega”. 25.25 (2011). Disponível em: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/matadero-esteban-echeverria-inauguracion-mataderos.pdf>. Consultado no dia 11 de agosto de 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUZÁ, Hugo F. **El matadero: estampa de un sacrificio ritual**. Revista de crítica literária latinoamericana. Año XXV, N° 51. Lima-Hanover, 1er. Semestre del 2000, pp. 191-198.



BECERRA, Eduardo. *El matadero, de Esteban Echeverría. Tensiones discursivas en el camino hacia la emancipación literaria hispano-americana*. Anales de Literatura Hispanoamericana ISSN: 0210-4547. 2011, vol.40 233-242

BRANDÃO, Eli. **Resignação de Jó em “Ritual de Danação”, de Gilvan Lemos**. In: FERRAZ, Salma; MAGALHÃES, Antonio; CONCEIÇÃO, Douglas; BRANDÃO, Eli; TENÓRIO, Waldecy. *Deuses em poéticas Estudos de Literatura e Teologia*. Belém: UEPA; UEPB, 2008.

CORTÉS, Juan Danoso. **Ensayo sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo**. 2003. Edición digital a partir de la edición de José Vila Selma, Madrid, Editora Nacional, 1978.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.

ECHEVERRÍA, Esteban. **El Matadero I.**, in *Obras completas, V y último, Escritos en prosa*, org. Juan M.<sup>a</sup> Gutiérrez, Buenos Aires: Carlos Casavalle – Editor, Imprenta y Librería de Mayo, 1874, pp. 209-242 (acompanhado por uma nota de rodapé assinada por G. [Juan M. Gutiérrez], pp. 209-214).

EMILIOZZI, Irma. **Esteban Echeverría**. Madrid: Fundación Ignacio Larramendi, 2010.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Paulo: Editora Claraluz, 2008.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos. La literatura en segundo grado**. Traducción de Celia Fernández Prieto. Madrid: Taurus, 1989.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**: São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

IGLESIA, Cristina. **Mártires o libres: un dilema estético. Las víctimas de la cultura en "El Matadero" de Echeverría y en sus reescrituras**. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010.

LOJO, Maria Rosa. **El Matadero de Esteban Echeverría: la sangre derramada y la estética de la 'mezcla'**. Revista Alba de América. Vol. IX, n° 16-17, 1991.

LUDMER, Josefina. **O corpo do delito. Um manual**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2016.

NETO, José Alves de Freitas. **A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX**. Revista Esboços – UFSC. v. 15, n. 20 (2008).

OVIEDO, José Miguel. **Historia de la Literatura Hispanoamericana 2. Del Romanticismo al Modernismo**. Madrid: Alianza, 2002.



**VIENLIJE**

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

RICŒUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa, Ed.70, 1976.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. Trad.: Rolando Roque da Silva. Edição Ridendo Castigat Mores, 2001.

SOSNOWSKI, Saúl. **Esteban Echeverría**. In: MADRIGAL, Luis Íñigo (coord.). *Historia de la literatura hispano-americana*. Madrid: Cátedra, 2008.

STAROBINSKI, J. **As máscaras da civilização: ensaios**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.